

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO

6 e 12 de Dezembro de 2019

SAENGHWALUI BALGYEON / 2002 “RECORDANDO A PORTA GIRATÓRIA”

um filme de HONG SANG-SOO

Realização, Argumento: Hong Sang-soo *Fotografia:* Choi Yeong-taek *Som:* Ahn Sang-ho, Oh Weon-chul *Montagem:* Ham Sung-won *Música:* Won Il *Interpretação:* Kim Sang-kyung (Kyungsoo), Yea Ji-won (Myungsuk), Choo Sang-Mi (Sunyoung), Kim Choo-wol, Kim Hak-sun (Sungwoo), Ahn Kik-kang (realizador), George Georgiou (Roger), etc.

Produção: CJ Entertainment, Cinema Service, Miracin Korea, UniKorea (República da Coreia, 2002) *Produtor:* Hanna Lee *Produtor executivo:* Ahn Byoung-ju, Choi In-gi *Cópia:* ficheiro digital, cor, legendado em inglês e electronicamente em português, 113 minutos *Título internacional:* THE TURNING GATE / ON THE OCCASION OF REMEMBERING THE TURNING GATE *Tradução literal do título:* “Descobertas da Vida” *Primeiras apresentações públicas:* 22 de Março de 2002, na Coreia do Sul; 8 de Setembro de 2002, no Festival Internacional de Cinema de Toronto *Inédito comercialmente em Portugal Primeira exibição na Cinemateca.*

NOTA

Vamos apresentar TURNING GATE no ficheiro digital que tínhamos previsto e está disponível para o efeito, alertando para o facto de se tratar de um título originalmente filmado e positivado em 35 mm. Trata-se no da única forma possível de aceder ao filme em projecção num momento em que o material em película está impedido de sair do Korean Film Archive.

É difícil ser um ser humano, mas não vamos tornar-nos nuns monstros, hã?
o realizador a Kyungsoo

É difícil ser um ser humano, mas não vamos tornar-nos nuns monstros.
Kyungsoo a Sungwoo

É difícil ser um ser humano, mas não vamos tornar-nos nuns monstros.
Kyungsoo a Myungsuk

Chove e é de noite no plano inicial frontal de SAENGHWALUI BALGYEON, ou ON THE OCCASION OF REMEMBERING THE TURNING GATE, quando um vulto de castanho coberto por um guarda-chuva estampado a cinzento, verde e branco entra no enquadramento, pela esquerda e se afasta tomando o meio da rua batida pela água no centro da imagem. Em boa verdade, a chuva começa antes, logo no mesmo fundo verde dos créditos em que se lê a primeira legenda: *1 Kyungsoo recebe um telefonema de Sungwoo.* É um som idêntico ao da bâtega de água debaixo da qual Kyungsoo caminha de costas numa outra rua de outra cidade na tarde dos dois planos finais. A seguir troveja e a grande porta que o protagonista masculino procura fica fechada até ele desistir, saindo simplesmente de campo. Por essa altura é natural intuir que o plano da porta fechada alude à história da lenda da “porta giratória” ouvida antes. É, à intempérie, a única porta fechada do filme. De qualquer modo, a última legenda sugere pouco antes, *7 Kyungsoo lembra-se da serpente à beira da Porta Giratória.*

Gyung-soo é um actor de teatro que parte temporariamente de Seul, depois de uma experiência frustrante no cinema, rumo a Chuncheon (a capital da província de Gangwon) e Gyeongju (na província de Gyeongsang do Norte), encontrando-se respectivamente com Myungsuk, a bailarina amiga de um amigo que nutre por ela uma paixão não declarada, e Seon-young, a jovem mulher casada que o reconhece quando acidentalmente se acham sentados lado a lado na mesma carruagem de comboio em que ele lê *The Making of a Radical*, de Scott Nearing, um livro “que mudou a vida de uma pessoa” conhecida dela. A lenda milenar da “porta giratória” refere-se a um templo budista da região de Gangwon que Gyung-soo visita com o amigo, ainda que nunca Hong Sang-soo o filme e no-lo mostre – como nunca mostra o mar na praia de “O PODER DA PROVÍNCIA DE KANGWON” nem as estrelas de que tanto se fala em “MULHER NA PRAIA”, ou as vistas da Torre de Seul, omnipresente na silhueta da cidade em “CONTO DE CINEMA”.

Os dois amigos também não chegam ao ir ao Templo Cheongpyeongsa. Voltam costas ao grupo de turistas, brincando com a ideia de ser a porta que lhes voltou costas a eles. O passeio de ferry valeu a ida, “Não há muito para ver”. A lenda é contada a Kyungsoo por Sungwoo no barco de passageiros, que apanham resacas da noite filmada a vermelho no longo plano-sequência fixo do bar com acompanhantes, nudez e álcool: a porta desse templo foi outrora o sítio em que uma princesa se livrou da serpente em que um seu antigo amante plebeu se transformou depois de decapitado pelo rei. Quando a princesa, temendo pela vida, deixou a dita serpente plantada à porta do templo à mercê de uma tempestade, esta acabou por fugir voltando costas à porta fechada.

Pelo relevo, uma nota digressiva: o título internacional joga aliás com esses duplos sentidos, *turning*. Não é possível aferir dos diálogos originais em coreano – e sabemos que, se se perde sempre, no caso destes filmes perde-se muito na tradução, tanto mais que o que se verte para português vem já mediado pela tradução do original em inglês (ou francês, ou espanhol, para o caso pouco importa). A constatação vale sobretudo para a perda das subtilidades, como as dos sotaques das personagens, que as caracterizam, mas que escapam necessariamente a um espectador ocidental. Ou como o uso de palavras de sonoridade idêntica que ampliam as possibilidades de entendimento do que é dito: pela leitura de uma entrevista de Hong Sang-soo (ela própria mediada pelo inglês) é possível saber que numa cena de sexo em “CONTO DE CINEMA” a actriz profere uma frase cuja sonoridade deixa ouvir de duas maneiras distintas e que a take escolhida foi a que mantinha maior ambiguidade sonora: “Quero gostar disto” / “Quero morrer”. Faz tudo sentido, pensando na amplitude que a *alternativa* assume em Hong Sang-soo. Mas portanto, em TURNING GATE, *turning*. “A porta giratória gira mesmo?”

Tomando – lá está, *em variação* – um elemento do precedente “A VIRGEM DESNUDADA PELOS SEUS PRETENDENTES” (2000), “RECORDANDO A PORTA GIRATÓRIA” está subdividido em sete capítulos, numerados e identificados com uma legenda impressa em sete planos separadores de fundo verde brilhante. Desta feita, as legendas, ou subtítulos, são meramente descritivos, não resumem o segmento que abrem e acontece não seguirem a ordem narrativa (caso do segmento 3 *Myungsuk declara o seu amor por Kyungsoo*, em que não existe declaração nenhuma, a menos que em eclipse, surgindo esta numa breve referência do segmento 4 *Kyungsoo espera o dia todo por Songwoo*). A partição não parece assim seguir uma lógica narrativa, além de que os segmentos têm uma duração e um número de cenas díspares (os últimos dois são mais longos que os antecedentes, por exemplo). Também a esse nível não existe regularidade, e Hong Sang-soo, fiel a si mesmo, parece querer trocar as voltas às expectativas de compreensão linear do espectador.

A partição em dois – explícita na “VIRGEM” – é retomada, mas de forma mais subtil, seguindo simplesmente os passos da viagem do actor de Seul para duas regiões, entre duas cargas de água, num clima meteorológico que varia entre as chuvadas súbitas e a claridade outonal. Mas, quando Kyungsoo embarca no comboio, deixa para trás Sungwoo e Myungsuk e o filme também. Sensivelmente a meio (as duas partes não têm uma duração exactamente simétrica), o eixo desloca-se, o par amoroso passa a ser formado por Kyungsoo e Sunyoung, encontrando-se o terceiro vértice no marido de Sunyoung (quase sempre ausente), que já surgira na pele do desconhecido do barcosne do lago que pede um isqueiro emprestado na “primeira parte”.

O pormenor do “marido” entrevistado com outra mulher noutra cidade pelo homem que tarda em reconhecer a mulher que tem à frente (*6 Kyungsoo reconhece tardiamente Sunyoung*, como outras personagens masculinas noutros filmes de Hong Sang-soo, por exemplo NOITE E DIA) é apenas um dos muitos ecos entre as duas partes. Reverberações narrativas, mas também formais, basta estar atento: as duas já mencionadas chuvadas e uma terceira que as intermedeia; o perfil das costas de Myungsuk da primeira e da última vez que surge em campo. Não há como não perceber que o homem que abandona a primeira rapariga é o homem que não quer ser abandonado pela segunda, numa óbvia repetição às avessas da mesma história. Não há como escapar à repetição das palavras do bilhete e do fruto que Myungsuk oferece a Kyungsoo nas costas do postalinho de que ele se desembaraça no comboio, e que depois reencena num pequeno cerimonial a Sunyoung, “Tu em mim, eu em ti.” Ou coisas mais simples, como os barcos-cisne de recreio turístico, que aliás “se vêem por todo o lado”, como a Torre de Seul no “CONTO DE CINEMA”, que há-de lidar com uma deixa que aqui fica, “Queres morrer comigo?”. Etc., etc.

Pode ver-se “RECORDANDO A PORTA GIRATÓRIA” de muitas maneiras. Achar por exemplo que a “segunda parte” acontece *sob a influência* da lenda contada a Kyungsoo pelo amigo que se despede dele dizendo, “Não peças a um humano que seja mais do que humano”, uma bela tirada. O porte mais elegante da segunda rapariga (que quase vemos afastar-se na estação de comboios como uma imagem reminescente da loura hitchcockiana Marnie) vai melhor com a ideia de princesa que a graça bailarina da primeira, capaz de dançar vários tipos de música. E a verdade é que ela o deixa à porta da qual ele acaba por fugir encharcado ao som dos relâmpagos. A frase dita e redita na “primeira parte” não cabe na segunda. *É difícil ser um ser humano, mas não vamos tornar-nos nuns monstros.* A menos que.

Hong Sang-soo não é meigo com as suas personagens masculinas, não as poupa nadinha.

Maria João Madeira